



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0294/14	DATA: 08/04/2014	
LOCAL: Plenário 11 das Comissões	INÍCIO: 10h33min	TÉRMINO: 11h45min	PÁGINAS: 31

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Brasileira vítima do tráfico internacional de crianças.

SUMÁRIO

Audiência Pública com a convidada.

OBSERVAÇÕES

Há palavras ou expressões ininteligíveis.
Grafia não confirmada: Christiane.
Houve exibição de vídeo.
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.
Durante a audiência, usou da palavra o Sr. José Augusto Cordeiro.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Havendo número regimental, declaro aberta a 87ª reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o tráfico de pessoas no Brasil, suas causas, consequências e responsáveis no período de 2003 a 2011, compreendido na vigência da Convenção de Palermo.

Informo aos Parlamentares que foi distribuída cópia das atas da 83ª, 84ª, 85ª e 86ª reuniões. Como não existe nenhum outro Parlamentar, nós damos por dispensada a leitura das atas, por nossa solicitação.

Em discussão as atas. (*Pausa.*)

Não havendo quem queira discuti-las, coloco as atas em votação.

Os Deputados e Deputadas que as aprovam permaneçam como se encontram.

Expediente.

Ofício da Deputada Liliam Sá, do PROS do Rio de Janeiro, justificando sua não participação em viagem da CPI a Rio Branco, Acre, do dia 27 de fevereiro de 2013 ao dia 1º de março de 2013.

Ofício do Deputado Flaviano Melo, do PMDB do Acre, justificando sua ausência na reunião da CPI no dia 27 de março do corrente, devido a compromisso político partidário em seu Estado.

Foi entregue a esta Comissão, pelo gabinete da Sra. Relatora, Deputada Flávia Moraes, a Pesquisa ENAFRON — Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras, do Ministério da Justiça, sobre tráfico de pessoas nas áreas de fronteira.

Ordem do dia.

A presente reunião se destina a audiência pública com a participação da Sra. Charlotte Merryl Victória Cohen Tenoud Ji.

Convido a Sra. Charlotte a tomar assento à mesa. (*Pausa.*)

Antes de passar a palavra à convidada, peço a atenção das senhoras e dos senhores para as normas estabelecidas no Regimento Interno da Casa.

O tempo concedido à convidada será de até 20 minutos, prorrogáveis a juízo da Comissão, não podendo ser a exposente apartada.



Cada Deputado inscrito terá o prazo de até 3 minutos para fazer suas indagações, dispondo a convidada de igual tempo para a resposta, facultadas a réplica e a tréplica, pelo mesmo prazo.

Os Deputados interessados em interpelá-la deverão increver-se previamente junto à Secretaria da Mesa.

Com a palavra, por até 20 minutos, para sua explanação inicial, a Sra. Charlotte. Depois os Parlamentares vão fazer perguntas, e a senhora poderá apresentar outras informações que tiver.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Bom dia. Todo mundo está me ouvindo bem? Espero que, apesar do meu sotaque, todo mundo vá me entender. Na verdade, estou esperando, porque eu queria passar uma matéria que foi feita sobre o meu caso, que explica muito bem tudo o que aconteceu, porque é um caso com muitos detalhes. Não é muito fácil pra eu explicar tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Enquanto a tela não chega, a senhora pode ir falando daquilo que a senhora se lembra, daquilo que já revelou e que pode ter detalhes para serem revelados.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Ao chegar a tela, nós daremos o tempo necessário para a apresentação.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Entendi.

Então, basicamente, eu fui traficada bebê, quando tinha uns 2 meses de vida, por uma senhora de São Paulo, que se chama Guiomar Morselli. Eu descobri também que essa D. Guiomar já foi investigada por tráfico de criança, de 92 até 99, na Polícia Federal em São Paulo. Mas nada foi feito... Ela não foi processada. E essa senhora, como que ela... Uma das coisas que ela fazia: ela usava uma falsa mãe para registrar os bebês e poder viajar junto a ela, pros países desses estrangeiros, e aí entregar as crianças no aeroporto, o que aconteceu no meu caso. *(Pausa.)* Foi isso.

Vocês têm algumas perguntas para me fazer?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Deputado Jordy, a Charlotte está com um material de vídeo para apresentar, mas tem um problema na tela, e o



peçoal está providenciando... E ela diz que foi traficada, não é, por uma... Foi venda mesmo, não é? Valor?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eu não tenho o valor. O que eu sei é que eu tenho um comprovante que eu cheguei na França dia 20 de julho, 87. Dia 27 de julho, 87, essa Sra. Guiomar, que me traficou, abriu uma conta bancária num banco de gestão de patrimônio lá em Paris. Tenho o comprovante de abertura dessa conta. Aí eu não tenho acesso a quantos depósitos foram feitos. Eu acho que isso a Polícia Federal podia rastrear facilmente com aqueles dados daquela conta.

Eu tenho uma carta que é de 90, 3 anos depois da minha chegada, quando eu tinha já 3 anos — porque eu fui adotada, na verdade, aos 5 anos. Eu fiquei 5 anos na casa dos meus pais adotivos em situação irregular, e finalmente eles conseguiram me adotar na França, em 92. Em 90, a Sra. Guiomar voltou para Paris para ajudar mais uma vez a falsificar meus documentos, e ela recebeu o valor de 60... Hoje em dia eu acho que seria mais ou menos uns 15 mil euros. Foram 69 mil francos, na época. Mas todos os depósitos que foram feitos desde aquela abertura daquela conta, eu não tenho acesso a isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Você foi retirada do orfanato de crianças Menino Jesus.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Essa Sra. Guiomar, ela tinha um orfanato que se chamava Lar da Criança Menino Jesus, que ficava no Bairro de Santana. Mas eu não sei realmente se eu fiquei nesse orfanato, porque não tem nenhum registro de mim nesse orfanato, porque eu sei que essa D. Guiomar, ela me tinha na casa dela; ela não me tinha no Lar, ela me tinha na casa dela — que eu até tenho fotos de eu bebê com uma empregada dela, na casa dela, e outro bebê. Então, não sei se fui deixada no Lar. Onde me pegou eu não sei. Ela, ela se recusa a falar comigo, ela se recusa a falar onde que ela me achou, tudo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Você só descobriu isso quando tinha 14 anos?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, eu sempre soube que era adotada do Brasil.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Sim, mas que você teria um documento onde você verificou que teria sido...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim, porque o que os meus pais adotivos me falaram, quando eu perguntava, às vezes, *“Então, o que aconteceu no Brasil? Cadê minha mãe biológica?”*, eles me falaram que eles tinham me achado no lixo e, porque eles tinham me achado no lixo, não tinha documento, porque é uma criança do lixo, então não tem pai, mãe, não tem documento. Aí, quando eu descobri os documentos, fui falar com a minha mãe adotiva. Eu falei: *“Então, aquela senhora que aparece na minha certidão de nascimento brasileira, ela é minha mãe”*. *“Não.”* Ela me falou: *“Não é sua mãe. A D. Guiomar, essa senhora era empregada doméstica da D. Guiomar, e a D. Guiomar que pediu pra ela registrar você e outro bebê como filhos dela, para poder viajar junto a D. Guiomar, para poder entregar vocês aqui na França”*.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Certo. Aí você, no caso, sabia que tinha sido adotada?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Mas teve um momento em que você, verificando uma pasta, segundo a reportagem...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - ...você verificou que havia algo estranho. E foi aí...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, já normalmente a adoção de uma criança brasileira, ela tem que ser feita no Brasil, não pode ser feita no estrangeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Sim.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - E os pais que vão adotar a criança, eles têm que viajar até o Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Isso.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Então, eu já sabia que isso não tinha acontecido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Certo.



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - E depois eu descobri que, além disso — não era só que foi irregular —, que, além disso, os documentos eram falsificados, porque até minha mãe me falou que essa data de nascimento que eles colocaram, 30 de maio, não era a minha data de nascimento. A D. Guiomar tinha falado que eu tinha nascimento dia 30 de abril.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - E que você foi registrada como filha da Guiomar Morselli?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, eu fui registrada como filha da Maria das Dores Pinto da Mota, que era empregada doméstica da D. Guiomar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Sim.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - A D. Guiomar foi testemunha daquela certidão, e a D. Marisa foi testemunha também. Tinham duas testemunhas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Certo.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - E tinha escrito que eu teria nascido na casa da D. Marisa, que era uma amiga da Guiomar. Só que eu já falei com essa D. Marisa, ela falou que eu nunca nasci na casa dela, que ela não sabe onde eu nasci, ela não sabe onde a Guiomar me pegou. Eu descobri agora, que eu falei daquele processo que teve já contra essas pessoas, de 92 e 99, que elas foram investigadas, porque teve duas crianças que viajaram pra França do mesmo jeito do que eu, em 87, que foram registradas do mesmo jeito que eu e o outro menino, como gêmeos, nascidos de outra mãe falsa. Guiomar Morselli de novo como testemunha, como Marisa de novo como testemunha. E nascidos também na casa daquela Sra. Marisa. Ou seja, exatamente o mesmo esquema do que eu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - No caso, a data do nascimento sua tem data que poderia ter nascido em 30/5/7.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Tem mais também, tem um outro, o exame realizado...



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso, o problema é que tem... Então, eu teria nascido dia 30 de maio, mas tem um exame de saúde que foi feito 15 de maio, ou seja, 15 dias antes. E nesse exame meu nome era Isabela Morselli, que Morselli é o nome daquela senhora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Certo.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Mas...

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Morselli é o nome da Mara?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - O quê?

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Esse era o sobrenome da Mara?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Da D. Guiomar, da senhora que tinha o orfanato. Então, primeiro eu tive o nome dela, eu me chamava Isabela Morselli. E depois ela me registrou como filha da empregada dela. Aí o meu nome passou a ser Charlotte Pinto da Mota, filha de Maria das Dores Pinto da Mota.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Que era a empregada?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Era a empregada dessa senhora. Eu falei com essa empregada. Ela saiu nessa reportagem. Ela falou que a D. Guiomar obrigou ela a fazer isso, porque ela não é minha mãe, que a D. Guiomar obrigou ela, que ameaçou ela, ameaçou despejar ela. E ela falou que não sabe onde D. Guiomar achava os bebês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Você já falou mais ou menos como era a sua vida no Brasil antes de ser adotada.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Minha vida na França?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Aqui, antes de ser adotada.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não sei, porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Você sabe de informação que você viveu num instituto...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, eu não sei, por que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Não sabia, não.



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eu saí do Brasil quando tinha uns... Então, segundo a documentação falsa, eu saí em julho, eu teria nascido em 30 de maio, eu tinha uns 2 meses...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - E quem a levou foi...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - ... junho e julho, mas, na verdade, eu tinha 2 meses e meio, porque, na verdade, aparentemente eu nasci 30 de abril. Ou seja, era recém-nascida, ainda não me lembro de nada. Mas eu não sei se cheguei a ficar nesse lar, porque as únicas coisas que eu ouvi era eu ficava na casa da D. Guiomar. E no lar não tem nenhum registro meu que eu teria sido... Não tem um registro, por exemplo, da Vara da Infância, que alguém teria me colocado naquele lar; não tem um registro no lar que a minha mãe me deixou lá; não tem nada. Então, na verdade nem eu sei se realmente eu fiquei nesse orfanato. Este é o grande mistério: eu não sei onde a D. Guiomar me achou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Mas foi a D. Guiomar que a levou para...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso, foi a D. Guiomar junto com a empregada dela, porque a empregada dela constava como minha mãe, como minha mãe e mãe do Raphael, que foi o outro bebê que levado junto. Então, ela... Essa senhora viajou com as duas crianças dela, junto a D. Guiomar, entregou as crianças e depois voltou para o Brasil. O que eu acho muito estranho é como que uma senhora consegue sair do Brasil com duas crianças, mãe de duas crianças, e volta duas semanas depois sem criança? Não tem algum tipo de registro na Polícia Federal?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Teve uma outra criança? Era o Raphael, era?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim, o Raphael.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Que também foi adotado?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso, ele consta como meu irmão gêmeo na certidão. Só que ele não é. Eles botaram juntos, para poder viajar com os dois. Esse menino... Na verdade, o que aconteceu é que a



mãe adotiva dele, a Christiane, ela teve o contato da D. Guiomar como uma amiga dela. Ela tinha uma amiga que tinha adotado duas crianças brasileiras, adotado (*ininteligível*). Ela falou: *“Como que você conseguiu aqueles bebês brasileiros tão lindos?”*. Aí ela falou: *“Você fala com a D. Guiomar lá em São Paulo, e ela arruma. Você liga para ela, você fala que quer menino, menina. Aí, quando o bebê nascer, você vai para o Brasil”*. Essa Christiane, ela viajou para o Brasil, quando o Raphael tinha nascido, que era junho de 87. Ela me falou. Ela viajou e foi recebida — porque eu falei com essa Christiane —, ela foi recebida na casa de D. Guiomar. E, lá na casa da D. Guiomar, tinha um quartinho onde tinha uns recém-nascidos. A D. Guiomar falou para ela: *“Olha, tem essa menina”*, que era eu — eu tinha uma foto dessa cena, que era eu. A D. Guiomar falou: *“Olha, eu não sei o que fazer com essa menina, com esse bebê. Você não quer?”*. Aí a Christiane falou: *“Não, porque eu só queria um menino, não quero menina”*. *“Então, você não conhece alguém que quer?”*. Ela falou: *“Não sei, vou pensar”*. Aí ela lembrou que a minha mãe adotiva já tinha tentado adotar, mas, porque eles tinham muito problemas psicológicos, meu pai era alcoólatra, usava drogas, ou seja, não podiam conseguir de jeito legal. Aí ela ligou para ela. Ela falou: *“Jacqueline”* — que é a minha mãe adotiva — *“você teria interesse nesse bebê?”*. Ela falou: *“Eu não sei, porque uma criança do Brasil...”* — que também minha mãe adotiva era racista, ela não queria uma criança negra. Ela pediu: *“Como é que é a criança?”*. Ela falou: *“Não, é uma criança muito bonita, que o pai biológico é de origem italiana”*. Então ela falou: *“Me dá uns dias para eu pensar”*. Elas ligaram de novo para a minha mãe adotiva, e aí ela falou: *“Se você não quer essa menina, eu vou levar os dois”* — a D. Christiane falou isso. Aí a minha mãe adotiva falou: *“E eu fico sem nada, não (*ininteligível*), mas eu não vou viajar pro Brasil, alguém tem me entregar”*. Foi aí que a Guiomar arrumou esse esquema de pedir pra empregada registrar como bebê, os bebês, aí ela podia viajar junto com a patroa e entregar. Aí os pais adotivos não tinham mais que vir aqui ao Brasil. E foi mais ou menos isso. E nesse momento que...

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Foi você e o Raphael?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - E o Raphael. Porque a mãe do Raphael, na verdade, a mãe adotiva, ela tinha combinado com a D. Guiomar de sair do Brasil com os bebês, porque a D. Guiomar



tinha a ajuda de um juiz, que até saiu na matéria, que o marido dela falou, que era o juiz Antônio, que ajudava, que providenciava no Brasil algumas adoções falsas. Então, esse era o esquema. Mas porque teve depois essa história de me mandar, que a minha mãe adotiva não podia viajar, elas arrumaram esse esquema de viajar com os bebês, que a mãe era a empregada, tudo isso. Eu descobri agora, quando eu desarchivei aquele inquérito de 92, que eles faziam exatamente a mesma coisa com dois outros bebês, o Charles e o Julian. Eu descobri também que aquele Julian foi adotado por um primo de meu pai adotivo, que eu nunca conheci, porque eu não tinha muito conhecimento da família adotiva do meu pai. Mas, ou seja, eles fizeram exatamente o mesmo esquema. Então, eu penso que talvez, quando eu cheguei lá, alguém da família do meu pai adotivo deve ter falado: *“Nossa, que bebê bonito! Então vamos fazer. Como que vocês conseguiram?”*. E ligaram de novo para a D. Guiomar. Aí me acharam bebê, e aí de novo o mesmo esquema: os dois bebês registrados no mesmo cartório, em Tucuruvi, com as mesmas testemunhas, Guiomar e Marisa, nascidos na mesma casa da D. Marisa. E a mesma coisa: viajaram com uma mãe falsa, Marisa Pedroso, e entregaram lá na França. Exatamente a mesma coisa. Mas, dessa vez, foi denunciado pelo Consulado brasileiro, no Consulado brasileiro lá na França, porque eu acho que eles devem ter visto que essa senhora viajou com dois bebês para Paris e nunca voltou com os bebês. Então, é isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - O que parece ser uma rede, uma quadrilha...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim, eu falei com o filho da D. Guiomar, que ele não tem mais... Eu falei com o filho da D. Guiomar, o Sr. Edson, que rompeu contato com a mamãe, porque ele não concordava com as coisas que a mãe fazia de tráfico, porque pra mim ele falou: *“Minha mãe era traficante de criança”*. Ele me falou na casa...

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Qual é o nome dele?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Edson Morselli, o filho de Guiomar Morselli. Ele falou que lá tinha um delegado e um juiz que sempre apareciam lá em casa, que entrava em casa criança, entrava e saía, vinham sempre os estrangeiros, ficavam hospedados uma semana, saíam com uma criança. E tinha também um médico — que até eu localizei esse médico, que fez



aqueles exames comigo. Esse médico também estava sempre lá em casa, porque ele agilizava os exames das crianças. Por exemplo, no meu caso, minha mãe adotiva pediu um exame de SIDA, porque claro que os estrangeiros não queriam adotar uma criança doente, com SIDA, queriam uma criança bonitinha, boa de saúde. Então, eles mandavam fazer aqueles exames. Então, esse doutor também aparentemente colaborava com isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Depois que você tomou conhecimento e você retornou ao Brasil, você procurou a D. Guiomar?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim. Eu procurei a D. Guiomar para saber, para entender, mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - E ela disse alguma coisa pra você?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Ela não aceitou falar comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Nem o nome do médico?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, o nome do médico eu sei, porque está no meu exame de saúde.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Está aí?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Depois é bom você dizer.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - E o delegado?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - O delegado, eu não sei, porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - E o juiz?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - O juiz... Na matéria da *Record*, o Sr. Franco Morselli, marido da Guiomar, falou de um tal juiz Antônio que trabalhava na Vara Tutelar lá em Santana. Aí não sei... Não tenho como...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - E o delegado era da Polícia Civil?



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eu acho que era um delegado da Polícia Civil...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Está bom.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - ...porque, aparentemente, quando eles achavam crianças, eles traziam pra D. Guiomar. Mas o que eu não entendo é que, por exemplo, quando eles fizeram a minha certidão de nascimento falsa, eles fizeram dia 4 de julho, no Cartório de Tucuruvi; dia 10 de julho eu já tinha passaporte. É muito rápido esse prazo. Eu acho muito estranho. E também eu vi que no inquérito de 92 a Polícia Federal mandou rastrear os passaportes. Eles conseguiram rastrear o passaporte da falsa mãe, mas não acharam nenhum registro dos passaportes das crianças. Então, eu acho que... Com certeza, devia também ter algum tipo de ajuda na Polícia Federal, porque eu acho muito estranho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Charlotte, o material está pronto. É *pendrive*?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - A *Record* falou que eles passaram tudo pela D. Helena.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - D. Helena, que estaria aqui?

Procurem ver.

Vamos continuar.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - A reportagem fala de uma cifra, que por você teria sido paga para a D. Guiomar a cifra de 10 mil euros.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Então, um dos comprovantes que eu tenho é aquele comprovante de 90. Em 90, a D. Guiomar viajou de novo pra França, porque ela teve que voltar ao cartório para assinar alguma coisa sobre a minha adoção, porque eu acho que ela assinava as coisas no lugar da D... Porque minha biológica falsa é que teve que dar consentimento para a minha adoção, na França — que era a empregada dela, a D. Maria das Dores.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - E você descobriu os nomes dos seus pais biológicos?



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Meus pais biológicos? Eu não tenho acesso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Não tem nenhuma informação?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, porque a D. Guiomar se recusa a falar, e eu não tenho o registro de que alguém me deixou no Lar. Não tem nenhum tipo de registro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - E depois que você descobriu aquela adoção, você quis conhecer seus pais biológicos?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Alguma vez você recebeu a promessa de que teria isso, ou que eles morreram...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não. A D. Guiomar não aceita falar comigo, não aceita me dar nenhum tipo de explicação, não aceita me receber, nada. O que a D. Guiomar tinha falado para a minha mãe adotiva, na época da adoção, na época em que eles me levaram, é que minha mãe tinha 19 anos, que era uma moça muito bonita, elegante e muito alta. A única coisa que ela falou. E que meu pai era de descendência italiana. Então, se ela conseguiu falar tudo isso, é que a D. Guiomar com certeza sabe quem é minha mãe e quem é meu pai, porque ela deu uma descrição deles. Ela sabe em qual dia eu nasci, 30 de abril, ela sabe a data verdadeira de nascimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - E de onde surge essa cifra de 10 mil euros?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Numa carta. Porque meu pai adotivo tinha uma galeria de arte. Um funcionário dele, da galeria de arte, falou que ele fez a venda de três quadros, e que o dinheiro dessa venda, que era 69 mil francos, foi depositado na conta da D. Guiomar. Os dados da conta são os dados daquela conta que foi aberta 3 anos antes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Sim.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Então, eu acho que o que deveria ser feito pela Polícia Federal... Teria rastrear aquela conta bancária.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Então, o dinheiro foi depositado na conta bancária da D. Guiomar?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eles fizeram o depósito desse dinheiro naquela conta bancária. Mas, olha, se ela abriu essa conta bancária, ela abriu no dia 28 de julho de 87, ou seja, 8 dias depois da minha chegada. Então, ela abriu essa conta... Ela traficou os dois outros meninos... Eles chegaram na França em outubro de 87. Então, eu acho que ela usou essa conta bancária para os dois, pra receber o pagamento do meu caso, do Raphael e também do caso desses dois meninos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Couto) - Está tudo pronto para a apresentação.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Muito obrigada.

Nessa reportagem, eu fui atrás dessas pessoas. Eu fui pessoalmente à casa das pessoas envolvidas.

(Exibição de vídeo.)

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim. Fiquei muito mais *(ininteligível)*.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim. A irmã dela, a Tina, que até hoje trabalha para a D. Guiomar também, é aquela que me segurava no colo quando eu era bebê, ah, mais Albano Cabral.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso. Era a segunda testemunha, e eu teria nascido na casa dela, a mesma coisa para aqueles meninos da investigação em 92, exatamente a mesma coisa.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso.

(Exibição de vídeo.)

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Acho que isso ajuda a entender melhor. Eu acho. Boa tarde!

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Ah, o Sr. Franco Morselli, que é marido da Guiomar Morselli.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - Deputado Severino Ninho, não sei se V.Exa. ainda quer fazer algum pedido de informação à nossa...

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Presidente, eu estou lendo aqui um resumo da história da...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - Pois não. Fique à vontade.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Tenho outro compromisso, mas aqui estou me inteirando dessa leitura.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - Deixa eu...

(Exibição de vídeo.)

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Já foi. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - É o terceiro vídeo agora?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - Mais um?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não tem mais, acabou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - Charlotte...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - ... pelo que nós entendemos aqui, você não tem nenhuma lembrança, até porque foi daqui para lá com 2 meses, 2 meses e meio.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - Não é?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Hã, hã.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - Nenhum registro de memória da...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jardim) - ...sua presença no Brasil.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu queria saber, depois de todas essas informações que você colheu, investigou, qual é o resumo, o seu convencimento, ainda que parcial — claro, porque ainda existem muitas perguntas sem respostas —, mas qual seria a sua avaliação sobre o que ocorreu. Qual é a trama, no seu entendimento, pelas informações, ainda parciais, que você tem?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Então, o que eu entendo é que a D. Guiomar, não sei como, procurava criança recém-nascida. A gente viu as fotos da casa dela, porque não era um orfanato, era a casa dela, era uma cama de casal, onde ela tinha as crianças aninhadas, não é? Então, não sei como a D. Guiomar procurava aquelas crianças. E depois ela fazia aquelas adoções ilegais. No meu caso, o que eu entendo é que ela, para poder sair do Brasil comigo, forjou uma documentação falsa para poder sair comigo e com o Raphael, obrigou aquela empregada a fazer isso, e viajou junto com a empregada, me entregou a uma família; o Raphael, a outra, e foi pagar por isso. E depois, durante 5 anos, ela ficou em contato com os meus pais adotivos para ajudar a legalizar aquela adoção na França. Isso é o que eu entendo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O Raphael está na França?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - O Raphael está bem. Ele cresceu em outra família. Aquela senhora loira, que saiu na foto... Tinha duas senhoras. Eu tenho essa foto para o senhor e vou trazer aqui. A Cristiane é quem criou ele. Não sei se o senhor estava aqui quando eu contei como é que eu fui adotada, que foi a D. Cristiane que viajou, e depois a D. Guiomar fez aquela proposta de me pegar também. Então, ele foi criado por essa senhora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim. Você tem contato com o Raphael?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim, pouco, pouco contato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Na França?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim. Eu, de pequena, não tinha contato. Mas depois, quando eu tinha uns 23, 24 anos, ele me procurou pelo Facebook. Aí a gente se viu. E aí a mãe dele me chamou. Ela falou: *“Chama a Charlotte, quero falar com ela.”* Ela me chamou e me contou essa



história que eu contei para o senhor, que ela conheceu, através de uma amiga, a D. Guiomar. Ela viajou até a casa da D. Guiomar, e aí a D. Guiomar, ela tinha já falado com ela que queria o Raphael. E aí a D. Guiomar, depois, falou que tinha eu. Ela colocou em contato com a minha mãe adotiva. E ela fala que a minha mãe verdadeira... A única coisa que a D. Guiomar tinha falado era isso, como eu falei, que a minha mãe verdadeira tinha 19 anos, que era uma moça muito bonita, alta. É isso. E que, aparentemente, ela não podia ficar com uma criança, porque o pai, de origem italiana, não queria ficar com ela nem com uma criança, e que teve que deixar com a D. Guiomar. Onde eu nasci, em qual hospital, eu não sei. Eu não entendo, então. No começo, eu não procurei a D. Guiomar via Justiça. Agora, sim, está na Polícia Federal, está tudo... Porque eu tive que procurar a Justiça. Então, se o fato de que a minha mãe me deixou com a D. Guiomar para me dar para adoção, não sei o quê, tudo bem. Então, por que a D. Guiomar não me fala isso? Por que ela não me fala o nome da minha mãe? Quando eu a procurei, eu não reclamei de nada. Eu só pedi para ela me falar da minha família biológica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim. Recentemente, você tem contato com o Raphael?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Com o Raphael, faz um... Desde que eu estou no Brasil que eu não o vejo. Antes de sair do Brasil, eu o vi, de me mudar para o Brasil, desculpa. Era no verão de 2012. Isso. Mas ele não está querendo saber da família biológica. Ele está acreditando que a mãe dele é a Maria das Dores. É o que ele acredita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim. E contato com a D. Guiomar, você não teve?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não. Não tenho porque ela não aceita. Não aceita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas está identificado onde ela se encontra?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim, eu já passei tudo para a Polícia. Até ela foi, porque na semana eu estava em São Paulo... Porque a D. Guiomar, a D. Marisa, a Juventina e a Maria das Dores, duas empregadas, elas foram intimadas pela Polícia Federal, porque agora tem inquérito



na Polícia Federal. Só que ela não foi, nem ela nem as duas empregadas. A única pessoa que foi é a D. Marisa, aquela que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Cabral...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso. Ela foi. Ela falou que nunca... que a D. Guiomar a enganou, que ela não sabia quem era a minha mãe. Isso. Que ela não sabia de nada. Ela falou que a única vez que ela registrou uma criança com a Guiomar foi no meu caso, que ela nem sabia do Raphael, que ela não tinha visto que tinha o Raphael colocado, que ela não tinha visto que eles colocaram o endereço dela, mas eu acabo de desativar um inquérito policial em que aparece de novo, teve duas crianças registradas do mesmo jeito, nascidas na casa da D. Guiomar, desculpa, nascidas na casa da D. Marisa, com testemunhas D. Marisa e D. Guiomar. Então, não é verdade. Realmente não é verdade. Eu julguei uma tática da D. Marisa para se colocar de vítima, porque ela mentiu para o delegado. Eu falei com o delegado. O delegado falou: *“Então, a senhora podia afirmar que foi a única vez que a senhora foi ao cartório com a D. Guiomar foi no caso da Charlotte?”* *“Sim”*. E agora tem um inquérito que fala que não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Entendi.

Pois não, Deputado Severino Ninho.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Já inteirado aqui e com algumas perguntas a fazer, eu gostaria de ter a palavra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois não.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Então, me parece que a Charlotte saiu do Brasil com 2 meses de idade, não é isso?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Então tem algumas perguntas que não dá para ela responder.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - De 2 meses a 2 meses e meio, porque há uma contradição de...

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Tem uma dúvida quanto ao nascimento correto dela, não é isso?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso.



O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Mas em algum momento, ela tinha só 2 meses ou 2 meses e meio, mas em algum momento ela sofreu maus-tratos dos pais biológicos?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não. Eu sofri dos pais adotivos.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Sofreu, então, dos pais adotivos.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Dois pais biológicos, eu não sei, porque não sei...

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - A idade.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, eu não sei, porque eu cheguei às mãos da D. Guiomar. Então, eu não sei o que aconteceu.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Não sei se já está respondido, mas se ela sabe o nome das pessoas que acompanharam sua adoção no Brasil e na França...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Na verdade, no Brasil não teve adoção. No Brasil só teve esse registro falso e depois eu fui levada. A adoção aconteceu toda na França.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Mas sabe informar se a sua adoção ou não adoção, como você fala, teve a intermediação de alguma pessoa ou de alguma ONG?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não. Então, quem foi intermediária foi aquela D. Guiomar Morselli, que tinha um orfanato chamado Lar da Criança Menino Jesus. Mas, pelo o que eu entendi, a Guiomar me tinha na casa dela, não me tinha no lar. E no lar... Não tem o registro da minha chegada no lar, porque, se me minha mãe me deixou no lar, tinha que ter um registro lá. Tinha que ter um registro na data "x", do ano não sei o quê — "*deixou a filha porque não podia criar*". Tem que ter algum tipo de registro numa instituição dessas, e não tem.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Parece-me que, aos 14 anos, a senhora descobriu que era filha adotiva. Não é isso?



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Adotiva, eu sempre sabia, porque meus pais adotivos, quando eu cheguei, eles tinha 52 e 59 anos, então, não tinha como ser biológico, e também eu não me parecia com eles. Eu também sabia que tinha nascido no Brasil, porque na escola tinha que haver algum documento dizendo que eu nasci no Brasil. Está adotada, eu sabia, só que eles falaram que eu era uma criança do lixo, e porque uma criança do lixo não tinha documento, que eles não sabiam quem era a minha mãe.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Não falavam a verdade para você, não é?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Mas você tinha permissão para falar com os seus pais biológicos no Brasil? Os pais lá da França permitiam que você...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, porque eles falavam que eu não tinha pais, porque eles tinham me deixado no lixo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Ela nunca teve contato com os pais biológicos, nem soube a procedência dos pais biológicos.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Certo. Como era a sua relação com os seus pais adotivos?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Então, é isto: era uma relação muito difícil, porque o meu pai era alcoólatra e tomava droga. Então, era difícil. E, com a minha mãe, era uma relação muito violenta, tinha muita briga. Ela brigava com o meu pai, comigo. E eu também sempre ficava em casa, não ia para a escola, ficava em casa, não tinha muita relação com outras crianças.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Além desses problemas que você enfrentava de os pais terem problemas com o álcool e com drogas, você encontrou na França, logo após a sua adoção, algum problema? Você teve algum problema lá, passou por alguma necessidade, sem ter a quem recorrer?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, porque os meus pais adotivos tinham muito dinheiro. Então, eu tinha sempre comida e um lugar para dormir.



O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Muito bem! E os seus pais adotivos lhe agrediam fisicamente ou moralmente?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - O quê?

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Os seus pais adotivos lhe agrediam fisicamente ou moralmente?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim. Sim.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Em que situações?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Então, moralmente era isso, porque já o meu pai, quando ele voltava para casa bêbado, ele me tocava, ele me incomodava, e pedia para a minha mãe... Eu pedia para ele me deixar em paz, mas não deixava. E a minha mãe é isto: me insultava, falava que eu era uma prostituta, era uma puta. Então, era isso, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Esse lhe tocar significa abuso sexual?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não. Não tinha... Não tinha nada. Ele só me tocava, e eu dizia que não gostava, mas não tinha nada mais.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Você esteve empregada na França, não foi isso, antes de vir para o Brasil?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim. Eu me formei, eu me formei na França, mas eu trabalhei sempre, porque, quando eu saí de casa aos 16, fui morar num abrigo, então eles não me sustentavam mais. Aí, até aos 18, eu ficava num lugar do governo, depois, ganhei uma bolsa da universidade para me formar, mas não era suficiente para eu poder me sustentar.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Por que você veio morar no Brasil, Charlotte? Para encerrar as minhas perguntas.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Por que você veio morar no Brasil?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eu vim morar porque eu sempre quis morar no Brasil, na verdade, porque eu não me integrei bem na França, porque lá eu sofri muito racismo. As pessoas me falavam na escola: *“Você tem que voltar para o seu país. Por que você é assim? Por que sua*



pele é assim?" A França é um país diferente do Brasil, não tem a mesma mistura das pessoas. Então, é isto, sempre sofri muitos preconceitos. E então eu não queria ficar lá. Eu não queria ficar lá e também não tive uma boa experiência com os meus pais adotivos. Realmente, eu não sei como explicar, mas eu me sentia como sequestrada. Não sei como explicar. Eu sentia que estava nesse país, nesse lugar, mas que não era o lugar para eu estar. Não sei como explicar. E, quando eu voltei para o Brasil, mesmo que eu não tivesse ainda achado os meus pais, os meus pais biológicos, pelo menos eu me sentia em paz, porque eu sinto pelo menos agora... Eu não sou mais sequestrada, eu voltei ao lugar a que eu pertencia. O que aconteceu comigo? Teve uma pessoa que me tirou da minha família, da minha cidade e me entregou lá para essas pessoas. Então, é isso, eu queria voltar e também, claro, queria falar com essa D. Guiomar, para que ela me explicasse o que aconteceu, quem é minha mãe, onde me achou, isso.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Quando e como você descobriu que era brasileira?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Brasileira, eu sempre soube, porque eles me falaram que eu vinha de São Paulo. Quando eles me descreviam o Brasil... Eles me descreviam o Brasil como aqueles lugares lá da Índia, com Madre Calcutá, me falavam: "*Você veio desse país, que lá é a miséria, não tem nada. Então, é por isso que acharam você no lixo*". Então, eu até pensava que o Brasil era um pouco assim. Aí, eu cheguei ao Brasil e vi que era completamente diferente do que eles me falaram, que tinha escola, tinha hospital, que era um país, que não era como eles me falaram.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Obrigado.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - De nada.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Muito bem-vinda. Não sei quando você chegou, mas você é muito bem-vinda ao seu país, ao nosso país, que não é o lixo que eles falavam lá. Nós temos oásis de pobreza, oásis de riqueza, como a França também tem.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Mas já na época que eu nasci tinha — como vou explicar? —, tinha adoção legal. Se minha mãe não tinha condição de me cuidar, eu podia ser entregue a um juiz tutelar e eu



podia ser adotada no Brasil, no meu país, por uma família que tinha estrutura mental e ter um lar seguro. É isso que me roubaram, não é só que eles me roubaram de saber da minha família biológica, eles me roubaram o direito de ter uma infância normal, me roubaram o direito de ser adotada. É isso que...

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Se o Brasil tivesse a idade da França talvez já fosse muito mais desenvolvido e mais justo do que a França.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Mas eu acho que, de qualquer jeito, eu acho que...

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Mas ainda é um país novo e em construção.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Nessas coisas tem dois lados: de um lado têm as pessoas que traficam no Brasil, mas têm as pessoas que compram. Olha, se uma criança chega à minha casa e eu sei que todos os documentos são falsificados, eu já penso que tem algum tipo de problema. Não é assim que se consegue uma criança! Então, acho que são os dois lados. Não é só do lado do Brasil, são os dois lados. E também como é que a França aceitou legalizar essa adoção, quando ela viu que era tudo completamente irregular? Até nesse caso dos meninos de 92, os dois meninos que foram traficados também pela Guiomar, a Polícia Federal pediu à INTERPOL para localizar os meninos, pediu à INTERPOL para localizar a família adotiva, mas a INTERPOL nunca respondeu, o Consulado francês nunca respondeu. Então, acho que são os dois lados realmente, é uma coisa bilateral.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Eu acho, Presidente, que isso prova que aquele projeto de lei nosso, que determina que o Consulado acompanhe as adoções, tem sentido, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Totalmente.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Até os 18 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Totalmente. Depois da sua... A você nunca foi negada a informação de que era brasileira e de que era adotada por terem achado você no lixo.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso, isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A versão era essa.



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sempre foi essa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E nesse período, até à sua vinda agora para o Brasil, você nunca esteve antes no Brasil? Nunca lhe permitiram, nunca você teve curiosidade de vir?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Nunca, nunca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nunca solicitou a possibilidade de vir?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, é que eu não tinha condição financeira, eu não tinha condição financeira de pagar uma passagem para o Brasil, é muito caro. Então, eu sempre poupei dinheiro, pouco a pouco, e aí pensei: agora que me formei, agora tenho como... Porque eu também tive que, ao chegar no Brasil, me sustentar um pouco, porque, no começo, eu não falava Português, então, não podia trabalhar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E você está no Brasil há quanto tempo?

A SRA. CHARLOTTE MERRY VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eu estou no Brasil há... Eu cheguei em setembro de 2012. Então, no começo, guardei um pouco de dinheiro também para poder ficar no Brasil, no começo, sem trabalhar, para poder aprender Português, que não falava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Presidente, as perguntas vão surgindo. Eu gostaria de saber — isso vai me passar uma informação importante — se ainda hoje ela mantém contato com os pais lá da França.

A SRA. CHARLOTTE MERRY VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Se eles demonstram preocupação em saber como ela está aqui, se eles custearam estudos dela e por aí vai.

A SRA. CHARLOTTE MERRY VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não. Então, eu tinha muito pouco contato com meu pai adotivo, com minha mãe, por telefone, porque sempre eu queria deixar eles saberem que eu estava bem, que estava viva também. Então, mas já fazem uns 6 meses que nem respondem mais os meus e-



mails, porque agora eles devem saber que estou procurando minha família no Brasil. Não custearam os meus estudos. Eu tinha uma bolsa da Sorbonne e eu trabalhava, porque comecei a trabalhar aos 17 anos. Então...

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Obrigado.

A SRA. CHARLOTTE MERRY VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Qual era o nome do seu pai adotivo?

A SRA. CHARLOTTE MERRY VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Roger Cohen Tenoud Ji. Não sei se tem mais algum tipo de... Ah, vou achar, um segundo.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. CHARLOTTE MERRY VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Roger Cohen Tenoud Ji, e minha mãe adotiva é Jaqueline Cohen Tenoud Ji. E pelo que eu vi daquele inquerito de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eles são franceses?

A SRA. CHARLOTTE MERRY VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eles são franceses.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - A mãe é?

A SRA. CHARLOTTE MERRY VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Jaqueline Cohen Tenoud Ji.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Eu vou só passar rapidamente a palavra ao — abrir aqui uma quebra no protocolo — Dr. José Augusto, para fazer duas perguntas.

O SR. JOSÉ AUGUSTO CORDEIRO - Bom dia a todos! Excelência, eu acompanhei, a pedido de algumas ONGs que buscavam crianças desaparecidas...

Desculpem-me pela rouquidão, estive internado até agora há pouco, por isso cheguei atrasado.

Eu fui encaminhado para auxiliar a Charlotte e eu a acompanhei, em São Paulo, a visita de parentes e de outras pessoas. Eu não sei se ela chegou a mencionar um processo que nós desarquivamos lá em São Paulo. Seria muito interessante a CPI ter acesso a esse processo.



Outra coisa: ela tem amigos, lá em Diadema, que viveram nesse orfanato e podem dar um panorama de como era esse orfanato, o que denota que o que ali se pretendia era comércio ou alguma coisa parecida e não cuidar de crianças.

Agora, eu gostaria de destacar dois aspectos. Ela tem um aspecto pessoal e outro do tráfico. São 30 anos que nós ouvimos pessoas falando para ela... Eu ouvi, junto com ela, que essa senhora, por 30 anos, atuou vendendo crianças brasileiras para fora, sem saber quem eram os pais que iam adotar. No caso dela, caiu nessa família problemática, que tentou resolver com uma adoção um problema do casal. No caso de outras crianças, podem até ter tido uma sorte melhor. Na Polícia Federal de São Paulo, eu ajudei, e está correndo um processo criminal. Nós a levamos também à Defensoria Pública, e está havendo uma investigação de paternidade.

Excelência, o aspecto pessoal dela é de uma pessoa que é formada, fala quatro idiomas e está subempregada. A gente pergunta para ela: *“Por que não regulariza teus documentos e procura trabalhar normalmente”*. Ela fala: *“Não posso me basear num documento que, embora não seja falso, tem informações que são falsas. Eu preciso regularizar minha vida pessoal e minha vida social primeiro, para depois eu poder estudar, poder continuar minha vida, casar.”* Ela não pode fazer nada socialmente. É só isso.

Muito obrigado.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - O problema é que, para quem não teria adoção no Brasil, estar aqui no Brasil até hoje... Eu sou Charlotte Pinto da Mota, filha de Maria das Dores Pinto da Mota. E se meu RG... Só que eu não quero fazer RG com isso, porque essa senhora não é minha mãe. Agora, eu estou na Defensoria Estadual de São Paulo. Eu pedi um DNA com a Dona Maria das Dores, para poder provar que ela não é minha mãe biológica, para poder tentar tirar ela do meu registro civil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você está registrada como?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Como filha da Maria das Dores.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sim, mas você está como Charlotte...



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Cohen Tenoud.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Cohen Tenoud.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso. Esse é o nome que eu tenho depois da adoção. Só que essa adoção não tem validade no Brasil, porque ela foi feita só na França.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Entendi.

Bom, eu acho que nós vamos ter que, Deputado Severino, ouvir a Dona Guiomar, a Dona Maria das Dores e a Dona Marisa Cabral. Não se sabe a informação do delegado da delegacia de Santana.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eu acho, pelo que entendi, pelo que o Edson falou, acho que era um Delegado Civil de Santana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E o Juiz Antônio, da Vara da Infância de Santana.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso, de Santana. Até a Dona Guiomar, hoje, e a Juventina, empregada dela, estão num processo lá em São Paulo, na Barra Funda, por crimes contra a fé pública, acusadas de todas as falsificações que elas faziam de documento. Até agora, na investigação, o delegado que está investigando agora mandou uma agente lá, só que não tem nenhum documento. Tudo foi destruído. Não tem nem o registro das crianças que ficavam no orfanato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas esse Juiz atuava em Santana?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso. Eu acho. Também não sei, porque eu não tenho o nome completo dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Então, eu queria sugerir que nós pudéssemos aprovar a convocação desse Juiz, pedir o auxílio da Polícia Federal, para ver se é possível localizar esse Juiz, de prenome Antônio, da Vara de Infância que, à época, respondia pela Vara da Infância da região de Santana, além da Dona Guiomar, da Dona Marisa e da Dona Maria das Dores.



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Maria das Dores. Eu teria o endereço de todo mundo, de todas essas pessoas e até tenho também o endereço do médico, Dr. (*ininteligível*). Também eu tenho. Até falei com ele, mas ele falou que não sabe quem são meus pais e não podia ajudar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Não sei se há alguma outra sugestão, Deputado Severino.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Não, Sr. Presidente. Estou de acordo com a iniciativa de V.Exa. para aprofundar na investigação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O.k. Eu queria só, por fim...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Uma pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Pois não.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Com licença, seria possível acompanhar a investigação que está agora na Polícia Federal?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nós vamos pedir a ajuda da Polícia Federal.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Exatamente para poder...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Porque agora temos um inquérito que está agora na Polícia Federal, com o delegado Tempestini. Acho que seria bom entrar em contato com ele, para tentar ver um...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Olha, vamos ver aqui: é a Dona Guiomar, a Dona Marisa, que era a dona da casa onde supostamente...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eu teria nascido. Mais aqueles futuros bebês do inquérito de 92.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Dos bebês que teriam nascido. A Dona Maria das Dores, supostamente, seria sua mãe biológica, na história que foi contada, e acho que também o Sr. Franco, marido da Guiomar, que provavelmente é cúmplice nessa articulação toda.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - E o Juiz, se for localizado pela Polícia Federal.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Porque no momento em que elas forem intimadas. Só que elas não foram. Então, vai ter que... Não sei, indiciar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Nós vamos ter que convocá-las. Se elas não vierem na primeira convocação, elas serão conduzidas. Nós temos essa prerrogativa de buscar a presença por condução coercitiva. Então, é bom que, nessa convocação, se deixe bem claro que a CPI tem prerrogativas para trazê-las de forma coercitiva.

Eu lhe faculto a palavra, para saber se você tem alguma outra informação que queira acrescentar ao seu depoimento e que possa ajudar no esclarecimento desses fatos.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eu acho que não. Até aquele inquérito na Polícia Federal... Até outra pessoa que eu localizei também, o motorista da... A Guiomar, aparentemente, tinha um motorista também que ajudava com tudo isso. Até o motorista que ela tinha, não na minha época, mas um pouco mais tarde, que ele também está nesse processo contra a fé pública que está lá rolando em São Paulo. Eu entrei em contato com ele, que me falou que foi vítima também da Guiomar, que ele está nesse processo, mas não fez nada e vai me ajudar. Ele falou que, na época em que eu nasci, ele não era motorista. Ele entrou mais tarde, mas ele sabe quem era esse motorista, que era o Sr. José. Que o Sr. José morava perto da casa da Dona Marisa, também em Tucuruí. Que tudo isso aconteceu em Tucuruí, perto de Santana. Então, agora, ele ficou de me levar lá na casa daquele...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Antigo motorista.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Antigo motorista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - De nome José.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso! Mas o delegado também falou que ele vai intimar aquele atual, porque, se ele está nesse crime contra a fé pública, ele deve saber também de coisas que aconteceram lá.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Perfeito! Então, vamos chamar também esse motorista, já que ele está... Provavelmente ele detém informações da origem dessa...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Aparentemente, porque também eu tenho contato com uma senhora, mas ela tem muito medo, que é a Edna. A Edna era empregada doméstica. Na época, ela me falou que foi forçada a doar a filha para a Dona Guiomar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Você tem o contato dessa Edna?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim, eu tenho no Face. Eu tenho o *e-mail* dela e posso... Ela está procurando a filha dela, que, aparentemente, Dona Guiomar teria mandado para a Alemanha, mas eu estou falando com ela que ela tem que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Essa Edna?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Essa Edna.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Então, vamos chamar essa Dona Edna também.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Eu falei para ela que ela tem que ir à Polícia Federal...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Porque isso está caracterizando uma rede de tráfico...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - ... para denunciar. Mas ela tem muito medo da Dona Guiomar, ela tem muito medo da Polícia Federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Mas aí a gente pode ouvir a Dona Edna reservadamente, se for o caso.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Só para registrar aqui a aprovação do requerimento.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Tá! É isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Deputado Severino, por favor.

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Presidente, parece-me que Dona Charlotte já teve colhido o sangue ou algum... para o DNA. Parece que já foi colhido o material.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não. Eu pedi... Eu entrei numa ação, com o DNA, com Maria das Dores, e também...

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Na Defensoria Pública de São Paulo.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso! E também o filho da Guiomar, que podia ser meu suposto pai. Então, agora está... Eles acertaram de fazer... essas duas pessoas, só que ainda a gente está aguardando a data para poder fazer o...

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Recolher o material. Sr. Presidente...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Só que a Defensoria me fala que vai ser 1 ano, que vai demorar 1 ano. Se vocês podiam me ajudar com isso...

O SR. DEPUTADO SEVERINO NINHO - Sr. Presidente, então é nesse sentido que eu gostaria, atendendo aqui a sugestão, de nós pedirmos à Defensoria Pública que desse uma prioridade ao fornecimento do resultado, tanto para colher o material necessário quanto no fornecimento do resultado, porque a CPI está em vias de conclusão, e nós precisamos ter essa resposta, a dúvida que ela tem. A CPI precisa saber também, é de interesse da investigação. Então, vamos pedir, solicitar um ofício, enviar um ofício à Defensoria. O colega aqui, o companheiro aqui pode ajudar, com o número do processo, para a gente pedir que haja uma agilidade nesse negócio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Perfeito!

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Obrigada. Isso é muito importante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - O.k. Mais alguma coisa?



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não, eu agradeço pela ajuda de vocês. Eu espero poder achar minha família. Eu espero saber da verdade. Espero poder regularizar meu registro civil e ter uma vida normal. É isso. Agradeço a ajuda de vocês.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Sendo assim, feitas todas as perguntas, eu considero aprovados os requerimentos aqui sugeridos de convocação dessas pessoas — são oito pessoas no total — e mais essa providência junto à Defensoria Pública, no sentido de agilizar a identificação do DNA. Nós, então, encerramos esta audiência pública, com a oitiva da Sra. Charlotte Merryl Victória Cohen...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Tenoud. Isso! São muitos nomes. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado pelas presenças de todos. Haveria requerimentos, mas nós não temos quórum suficiente. A sessão ficará depois em aberto, para a aprovação do requerimento, se o quórum for obtido.

Muito obrigado pela presença de todos.

Dou por encerrada esta fase da nossa reunião.